

## **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS VEICULADAS NA INTERNET E AS QUESTÕES EDUCACIONAIS: UM DESAFIO AOS ESTUDOS ATUAIS**

**Cleânia de Sales Silva - UFPI**

Os meios de comunicação de massa, segundo Moscovici (1978, 2003), são fatores determinantes na formação das representações sociais à medida que exercem a função de mediadores entre o universo reificado (ciência) e o universo consensual, possibilitando a socialização das teorias científicas e sua transposição para o senso comum. Nesse percurso, as informações vão sendo interpretadas e reorganizadas com base nas normas e nos valores dominantes de quem as transmitem e, em contrapartida, vão sendo, no processo de recepção, apropriadas e ressignificadas por indivíduos e grupos a partir de suas experiências e valores. Dessa forma, novos conhecimentos e sentidos são elaborados, novas “teorias” surgem servindo de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e de atuação nesta.

Sobre o assunto, Moscovici aborda que as representações sociais operam em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem em função das próprias modificações que as ciências, as religiões e as ideologias sofrem e que são aceleradas pelos meios de comunicação, uma vez que estes meios multiplicam estas mudanças e aumentam a necessidade de um elo entre as ciências e as crenças de um lado; e nossas atividades concretas como indivíduos sociais de outro.

Em outras palavras, existe uma necessidade contínua de re-constituir o senso-comum ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar. Do mesmo modo, nossas coletividades não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais baseadas em tronco de teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas que, então, passam a constituir uma categoria de fenômenos à parte. (MOSCOVICI, 2003, p. 48)

As representações sociais, para o teórico, são uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a

comunicação entre os indivíduos e que se constrói nos lugares públicos, na mídia “ através desse processo de comunicação que nunca acontece sem transformação”. (MOSCOVICI, 2003, p. 205).

O reconhecimento do papel dos meios de comunicação na formação e veiculação das representações sociais é recorrente nos estudos de muitos outros teóricos. Jodelet (2001), por exemplo, comenta que a visibilidade das representações sociais, no dia-a-dia, se dá em múltiplas ocasiões, entre elas nas palavras e imagens veiculadas pela mídia. Segundo a autora, as redes de comunicação midiática influenciam, manipulam, solicitam mudanças e, portanto, são determinantes fundamentais na construção das representações.

Guareschi e Jovchelovitch (2002, p. 20) compartilham dessa idéia ao discutir a gênese das representações sociais:

O modo mesmo da sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais. É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e a herança histórico-cultural de suas sociedades que as representações sociais são formadas. Os meios de comunicação de massa, particularmente, tem sido um objeto de investigação para a teoria.

Partindo do exposto, podemos afirmar que os discursos midiáticos são veiculadores e formadores de representações sociais que servem de guia para a leitura do mundo e para o comportamento humano. Nesse sentido, configuram-se como um fundamental campo de análise para se compreender os sistemas de significação (crenças, valores, etc.) de uma sociedade e as suas implicações no pensamento e na prática dos indivíduos e grupos, visto que o conhecimento do mundo e a forma de agir sobre ele são construídos, entre outras coisas, pelas idéias, imagens e representações sociais que circulam nos meios de comunicação midiáticos.

Moscovici (2003) nos coloca, contudo, que os meios de comunicação de massa, diferentemente da conversação, são gêneros de comunicação secundários, uma vez que apresentam uma eliminação dos limites entre aspectos icônicos e aspectos

conceptuais, gerada pela extensão da mídia (visual, escrita e áudio) no espaço social. A junção desses aspectos, explica ele, faz com que as representações sociais se transformem em representações de representações e se tornem mais e mais simbólicas.

Analisando a sociedade em que vivemos, percebemos o quanto os impactos da nova tecnologia têm revolucionado a transmissão de informações, a difusão de conhecimentos científicos e a construção de universos simbólicos. Não há dúvidas de que a socialização dos conhecimentos científicos nos dias de hoje tem-se dado de forma ímpar. A incorporação de novos arranjos das dimensões espaço-temporais e da nova virtualidade, através das novas mídias, vêm propiciando a formação de vetores de comunicação multimodais e interativos que integram modalidades sensoriais diversas; a formação de múltiplos e diferenciados grupos envolvidos na produção, disseminação e recepção dos conhecimentos científicos; e a formação de novos modos de pensamento e atribuição de sentidos.

Segundo Ramal (2000) neste novo modelo comunicacional, mediado pelos avanços tecnológicos, surge uma nova forma de escrita e, conseqüentemente de comunicação, que se configura como um instrumento de mediação para a produção, a recepção e a significação do conhecimento: o hipertexto. “Sua linguagem é uma tecnologia intelectual que tem influência na estruturação dos nossos modos de expressão e na maneira de organizarmos o pensamento, substituindo os sistemas conceituais fundados nas idéias de margens, hierarquia, linearidade por outros de multilinearidade, nós, links e redes” (RAMAL, 2000, p.25). A concepção que predomina é a de descentramento, na qual uma infinidade de termos e pontos se encontram em contínua (re)produção e negociação de informações e sentidos, gerando novos discursos, sem regras fixas e sempre aberta a construções diferentes.

Esta autora explica que na Internet cada site é um hipertexto, à medida que cada uma das páginas é construída por vários autores e que cada percurso textual é realizado de maneira original e única pelo leitor cibernético que, através do mouse, poderá no momento em que desejar invadir seu campo, reescrever seus caminhos, optar por outras vias.

Ramal chama-nos atenção, ainda, para a materialidade e a maleabilidade física deste novo modelo comunicacional que, segundo ela, geram provisoriade e plasticidade nas informações, afetando substancialmente a nossa forma de construir conhecimentos, de captar o mundo, de atribuir-lhe sentido e de agir sobre ele. A este

respeito, Levy (2000) aborda que as tecnologias digitais instauram um novo regime de circulação e de metamorfose das representações e dos conhecimentos.

Neste novo contexto, questionamos: Se hoje a internet se configura como um dos mais importantes espaços de circulação de informações e de propagação de crenças e valores, qual o seu impacto no pensamento e no comportamento dos indivíduos, principalmente dos professores e alunos, seus principais usuários? Diante de um sistema de comunicação tão complexo que se caracteriza pela multiplicidade de signos, pela virtualidade e pela maleabilidade e plasticidade de informações, como se dá a socialização das teorias científicas e a formação das representações sociais e quais suas implicações no processo educativo?

Com o objetivo de ampliar estas reflexões, tomamos como referência uma pesquisa que realizamos em que a internet se constituiu campo investigativo das representações sociais que objetivávamos captar. A pesquisa<sup>1</sup> buscou apreender as representações sociais veiculadas neste meio midiático acerca da teoria construtivista. A escolha deste estudo se deu em função de dois motivos: o primeiro devido às informações acerca da teoria construtivista – seus pressupostos teórico-metodológicos, sua aplicabilidade e sua importância para a prática educativa – estarem sendo, nos últimos vinte anos, veiculadas em diferentes contextos sociais, entre eles o contexto midiático, servindo de referência nas reflexões e práticas de diversas pessoas e grupos: professores, coordenadores, donos de escola, pesquisadores, estudantes, pais, etc. O segundo motivo diz respeito ao fato da internet se constituir um dos principais meios de informação e formação da população em nossa sociedade, não obstante a falta de acesso a este veículo comunicacional por uma grande parcela da população. Estas considerações nos instigaram a desenvolver o estudo a respeito do papel da internet na popularização desta teoria, ou melhor, no estabelecimento das representações sociais deste referencial e suas implicações na conduta das pessoas, especialmente daquelas envolvidas diretamente no processo educacional. O presente artigo traz algumas reflexões acerca desse estudo.

Iniciamos a pesquisa buscando documentos que abordassem a temática: “construtivismo” a partir dos serviços de busca simples, por considerá-lo menos restrito do que a busca avançada ou preferencial. Nesta busca, empregamos a palavra “construtivismo” para ser pesquisada nas páginas em português da *Google*. Optamos por este site de busca por ser considerado um dos mais populares da rede, segundo Galhardo

(2004), tendo, portanto, uma grande abrangência na circulação de informações, na socialização das teorias científicas e na construção e negociação de sentidos.

A coleta do material na Internet foi feita num curto período (de 27 de julho de 2004 a 17 de agosto de 2004) em função da fugacidade do conteúdo on-line. Considerando que “cada nova conexão acrescenta novas fontes de informação” (LEVI, 2000, p. 120), sempre a cada nova consulta, durante o período da coleta de dados, verificamos possíveis alterações no número e tipo de documentos disponibilizados e realizamos uma atualização no registro destas informações.

O material obtido mostrou de imediato que a palavra “construtivismo” aparecia nas páginas da Google em média 9.600 vezes, visto que esse número se alterava muito rapidamente, pois, como nos lembra Levy (2000), a cada minuto novas informações são injetadas na rede. Foi apresentada também uma lista de documentos disponibilizados que tratavam do assunto, dispostos em grupos de 10, totalizando 1000 documentos originados de muitos e diferentes sites. Estes resultados a princípio nos fizeram constatar o quanto esta teoria tinha ganhado corpo neste meio midiático.

Embora se tratasse de um grande número de páginas, percorrermos todas as referências sugeridas. Este percurso inicialmente se caracterizou como uma leitura rápida nos 1000 documentos, possibilitando perceber que a palavra “construtivismo” se remetia a diferentes versões e concepções. Em função dos objetivos da pesquisa, foi considerada para o trabalho investigativo apenas aquela que se referia a uma teoria de aprendizagem fundamentada nas idéias de Piaget e Vygotsky, com implicações no processo de ensino-aprendizagem escolar, correspondendo a 758 documentos, ou seja, a 75,8% do total do material disponibilizado. Após esta seleção, iniciamos a análise propriamente dita, tendo como ponto de partida o esquema de análise de conteúdo aplicado por Moscovici ao material da imprensa francesa sobre a Psicanálise (1978).

Como dissemos anteriormente, os textos veiculados na Internet eram originados de diferentes sites: de universidades, escolas, editoras, revistas, jornais, organizações sindicais, entidades governamentais, entre outros. Embora estes textos não trouxessem, em sua maioria, a identificação pessoal dos autores, a diversidade dos sites e o conteúdo das mensagens nos fizeram perceber que o construtivismo era debatido na internet a partir de uma multiplicidade de vozes: pesquisadores, intelectuais, professores, pais, estudiosos de outras áreas, vendedores, editores, jornalistas, donos de escolas, empresários, universitários, estudantes do ensino médio, pessoas leigas, o que

demonstrava que esta essa teoria tinha invadido a vida de diferentes pessoas que se autorizavam a falar a respeito, seja explicando seus postulados, seja manifestando opiniões, seja buscando informações. Uma pluralidade de pessoas que queriam fazer parte do debate, “[...] falar daquilo que todo mundo fala” (MOSCOVICI, 1978, p.55).

Esta polifonia se presentificava numa diversidade de tipos de textos que organizavam e transmitiam as informações de forma diferenciada. Alguns traziam informações acerca da temática fundamentadas em pesquisas científicas ou estudos mais sistematizados, como, por exemplo, os artigos científicos e os capítulos de monografias, dissertações e teses; outros traziam explicações a respeito da teoria e de sua aplicabilidade no ensino sem muita fundamentação e sem um estudo mais rigoroso, apresentando a visão de pessoas de diferentes segmentos, estudiosos da área ou leigas que se configuravam como “especialistas populares”; outros eram relatos de experiências de professores e de instituições do ensino público de diversas localidades do país, nos quais os autores se engajavam em mostrar suas experiências, sempre bem sucedidas, tornando-se verdadeiros propagandistas desta teoria enquanto uma saída para a crise da educação; alguns buscavam responder as dúvidas da população, comumente de pais e professores, acerca do construtivismo e dar uma melhor orientação na matrícula escolar dos filhos e no redimensionamento da prática docente, tais como: “fala- mestre, guias de matrícula, etc; outros apresentavam opiniões seguidas de argumentos fundamentados ou não acerca deste referencial; outros anunciavam escolas, serviços e produtos relacionando-os com o construtivismo; e outros que apenas traziam a escrita da palavra “construtivismo”, sem apresentarem comentários acerca deste referencial, tais como: ementas de disciplinas, currículos, referências bibliográficas, etc.

Esta diversidade textual, por sua vez, evidenciava que os discursos que se referiam ao construtivismo não eram apenas para professores e demais profissionais da área, mas também para profissionais de outras áreas, prefeituras, pais, alunos os mais diversificados e o público em geral, com vistas a difundir informações a respeito (o que é, os princípios que norteiam, a importância dos seus postulados, os problemas, as distorções, etc), a propagar crenças de que é o melhor, de que prepara o aluno para o mercado de trabalho; e com vistas a convencer de que a implantação de práticas construtivistas ou de reformas educativas pautadas neste referencial diminui os problemas de aprendizagem e de analfabetismo, melhora o ensino, etc.

Além desta polifonia, multiplicidade de receptores e diversidade textual, nos discursos da internet nos deparamos com uma polissemia de significados atribuídos ao construtivismo. À despeito de um certo consenso sobre os pontos destacados da teoria (aluno ativo, professor mediador, conhecimentos prévios; construção de conhecimento; desenvolvimento do raciocínio e da autonomia; e um ensino lúdico), os sentidos atribuídos a este referencial foram múltiplos. O primeiro sentido se referia ao construtivismo como inovador, diferente, moderno, representando uma ruptura com o tradicional, com o verbalismo, a domesticação, o autoritarismo, a memorização, a reprodução, enfim com tudo aquilo que a escola não deveria ser. Esta oposição ao tradicional veiculada nos discursos on-line remete o olhar das pessoas para a noção de modernidade que, neste caso, assume também uma outra conotação: a de realizar aquilo que a sociedade exige no mundo atual em função da rapidez em que se dá a produção do conhecimento e a circulação de informações, da provisoriedade e das múltiplas formas de aprendizagem: o desenvolvimento da autonomia e da capacidade criativa e interativa para viver numa sociedade digital. Ao evidenciar o que o ensino tradicional tem de “ruim” e o que o mundo atual exige, estes discursos estabelecem um limite entre o certo e o errado, o permitido e o não-permitido, instigando atitudes a serem adotadas pelas autoridades educativas, escolas, pais e professores, impondo de uma certa forma valores e comportamentos que tem sua efetivação na propagação de uma crença bastante favorável em relação à teoria.

Uma outra significação atribuída ao construtivismo foi a de formar seres atuantes, ativos, verdadeiros cidadãos. Nesta função, ele é apontado como uma metodologia ou como um referencial de uma prática que leva o aluno a desenvolver seu raciocínio, sua criatividade e criticidade, habilidades necessárias para o exercício da cidadania. Nesse sentido, ser construtivista representa muito mais do que ser moderno, atual, diferente, representa ser um formador de cidadãos, à medida que ajuda na erradicação do analfabetismo, da falta de acesso à escrita e aprendizagem, etc. Nesse contexto, a teoria é vista como necessária para práticas educativas progressistas, como condição essencial para a solução dos problemas relacionados ao ensino e à falta de acesso à cidadania e os seguidores dela como aqueles que assumem o compromisso com estas questões. Esta propaganda em relação à teoria e seus seguidores é bem visível nos relatos de experiências e reforçada nos anúncios de escolas que, em suas publicidades, apontam como missão (meta) oferecer um serviço de qualidade, atual, prazeroso e

voltado para a formação de cidadãos autônomos, criativos, missão esta que tem a possibilidade de concretizar-se a partir de uma prática construtivista.

Estes anúncios nos chamaram atenção para outro ponto interessante na nossa pesquisa: o sentido atribuído ao construtivismo enquanto um atrativo para a venda de produtos e serviços, enquanto um produto de mercado. Este sentido foi reforçado pelos outros anúncios on-line referentes a cursos, assessorias, materiais didáticos, vídeos, livros, equipamentos eletrônicos, etc., que buscavam, via internet, chamar a atenção do cliente, do “consumidor”, reelaborando a forma de vender seus produtos ou serviços articulando-os aos elementos simbólicos da teoria. Nesse processo, a imagem do construtivismo se consolida como capaz de mobilizar anseios e necessidades e de orientar a conduta daqueles que são seus clientes em potencial. E a teoria, além de um bem simbólico, torna-se um bem econômico, uma mercadoria, um grande aliado no estabelecimento dos interesses políticos e financeiros. Este fato vem constatar o papel fundamental que a internet tem, não somente na socialização dos postulados construtivistas, no estabelecimento das representações sociais compartilhadas acerca deste referencial, mas acima de tudo, no seu uso com objetivos financeiros e políticos. Os trechos que seguem ilustram algumas das análises apresentadas neste artigo:

É fundamental que as escolas brasileiras eduquem seus alunos de forma plena, na qual o aluno aprenda a pensar de forma autônoma. Decorar é inútil. O Brasil só está nesta situação porque a população é, desde cedo, habituada a decorar, aceitando verdades prontas. Quando chega a fase adulta, o povo não sabe analisar os políticos e acaba elegendo o que paga mais. É a triste realidade. Para que se altere esse panorama brasileiro é necessário que sejam formados cidadãos conscientes, capazes de cumprir seus deveres sociais e reclamar por seus direitos. O construtivismo é na teoria o melhor método de ensino. A dificuldade pode consistir na prática. Acho que todos os educadores deveriam esforçar-se no sentido de tentar fazer esse método funcionar na prática. (TELÉSFORO FILHO, 2004, p. 1).

Uma nova experiência em educação está sendo realizada em Santos. O construtivismo método que permite ao aluno construir meios para o conhecimento está sendo empregado na pré-escola da entidade. [...] O resultado é que crianças ficam mais aptas a aprender novas coisas, desenvolvem o senso crítico, solucionam problemas e se preparam para um futuro melhor. O compromisso com a educação exige práticas voltadas para isso [...] Atualmente, as escolas particulares, principalmente que ministram aula até a quarta série, como a



*Kindykids*, são as maiores divulgadoras do construtivismo. Universidades como a Unicamp e Puc também se dedicam ao estudo desse método. (TAIRA, 2004, p. 1-2, grifo do autor).

O colégio Imperatriz fundamenta-se nos princípios do construtivismo sócio-interacionista [...] o aluno deixa de ser um mero receptor de informações, passando a ser um construtor, numa Pedagogia inspirada nos princípios da construção do conhecimento. Uma Pedagogia inspirada nos pressupostos ora apresentados fará do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina uma escola com visão atual do processo educativo, objetivando oferecer as condições para o desenvolvimento harmonioso dos alunos nos domínios cognitivos, afetivo, psicológico, biológico e social. Em conseqüência formar um cidadão autônomo e competente, capaz de viver plenamente sua cidadania. (COLÉGIO IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA, 2004, p. 1-2).

Laptops estimulam os professores a adotar métodos construtivistas. Professores usuários de laptops apresentaram uma tendência estaticamente a adotar práticas de ensino que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, no diálogo ao invés da dissertação, encorajam o questionamento feito pelos alunos e o desenvolvimento das habilidades de raciocínio [...] mais de 80% dos professores, usuários do laptop ou não, relatam que os computadores exercem um papel em seu crescente uso da pedagogia construtivista (USANDO..., 2004, p. 1).

A riqueza de sentidos e a multiplicidade de autores e leitores presentes nos discursos veiculados na internet acerca do construtivismo ratificam o fato de que este veículo de comunicação participa de forma determinante no processo de construção e de cristalização da representação social dessa teoria na nossa sociedade. Os textos examinados contribuem efetivamente para esse fim, uma vez que veiculam um número considerável de informações, as quais englobam tanto a difusão de seus postulados, quanto a propagação de crenças bastante positivas e o uso desses postulados como propaganda de ações políticas e de vendas de serviços e produtos, sendo a dimensão comercial predominante em relação às demais. Isto pode ser compreendido a partir de duas razões: a primeira explicação é de cunho mais específico e se remete a uma característica inerente ao meio midiático escolhido como campo de investigação. Conforme afirma Galhardo (2004), as informações veiculadas na Internet, em sua maioria, são de caráter comercial. A segunda explicação é mais abrangente e se refere a uma característica específica de uma sociedade altamente capitalista e mercadológica como a nossa: a de transformar as teorias educacionais, as informações e o

conhecimento num bem econômico, numa mercadoria de consumo. Esta situação é complexa e requer mais estudos e pesquisas a respeito, entretanto acreditamos que as análises aqui apresentadas podem contribuir para uma nova leitura desta teoria, de sua imagem, das crenças que lhes são atribuídas, da manipulação política e econômica impetrada através dela e, conseqüentemente, podem contribuir como subsídios para o estudo e o redimensionamento de certas questões educacionais, como por exemplo as práticas docentes e seus processos de formação; as políticas e reformas educativas e suas implicações no âmbito escolar e social; as opiniões e atitudes dos pais e estudantes em relação às práticas escolares e às teorias que dizem fundamentá-las, etc.

É importante destacar, ainda, que a polifonia e a diversidade de público encontrados no nosso estudo também se justificam pelas características do meio midiático investigado, pois, conforme explica Levy (2000), qualquer um pode, a baixo custo, colocar em circulação obras ficcionais, reportagens, sínteses e sua seleção de notícias sobre determinado assunto e também navegar pelas suas páginas, ter acesso às informações disponibilizadas nos hiperdocumentos ou hipertextos. Assim, cada indivíduo ou grupo pode ser um emissor e um leitor neste sistema de comunicação, o que dá condições de uma socialização mais abrangente de saberes e representações do que as possibilitadas pelas mídias clássicas.

Exatamente por propiciar uma participação ilimitada de autores e leitores os mais diversos, a internet se constitui, como afirma Levy (2000), numa multiplicidade aberta de pontos de vista, onde suas páginas imprimem idéias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos, onde fervilham a multiplicidade e suas relações e onde se instauram a diversidade, a contradição e a negociação de sentidos.

Diferentemente da imprensa, do rádio, do jornal, na internet qualquer mensagem abordada encontra-se conectada a outras mensagens, às pessoas que se interessam por ela, aos fóruns onde se debate sobre ela e serve como meio para uma comunidade recíproca e interativa renovar permanentemente suas informações e atribuir sentidos variados “[...]a tal ponto de que o sentido global encontra-se cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar” (LEVY, 2000, p.120). Essas características justificam a polissemia de sentidos encontrada nas nossas análises e nos chamam a atenção para um outro fato que julgamos importante: o de que estes resultados foram frutos de uma navegação que, embora sistematizada e rigorosa, é apenas uma entre várias e ilimitadas possibilidades as quais poderiam trazer outros

textos, outros documentos, outros sentidos que não necessariamente estes aqui apresentados.

Levy (2000) explica, ainda, que este veículo midiático apresenta espaços comuns que cada um pode ocupar e investigar o que lhe interessar, espécies de mercados da informação em que cada site é um agente de seleção, de bifurcação. Logo, o universo da Web também se constitui como um imenso território que oferece inúmeros “mapas”, filtros, seleções para ajudar o navegante a orientar-se e a descobrir os sites que mais se aproximam do seu interesse e objetivo. O leitor internauta pode traçar seu próprio percurso de pesquisa: escolher os links preexistentes, criar novos links, conectar um hipertexto a outro, daí Levy considerar toda leitura on-line como uma escrita em potencial e os documentos disponíveis como instrumentos de “escrita-leitura-coletiva” (p.57) e, portanto, como novos objetos de sentidos, o que caracteriza a polissemia na mídia digital.

Na pesquisa efetivada neste meio comunicacional, selecionamos, dentro de um contexto de múltiplas referências e opções, a forma que julgamos mais compatível com o trabalho que pretendíamos realizar. Talvez se tivéssemos direcionado para outros sites, outras páginas, feito novos links, os resultados fossem alterados e as leituras e análises fossem ressignificadas, o que demonstra a plasticidade dos saberes e sentidos veiculados neste meio e o grande desafio dos estudos simbólicos a partir destas modalidades comunicativas.

Por fim, queremos chamar a atenção para o fato de que, na nossa pesquisa, utilizamos apenas uma das inúmeras formas de acesso à informação disponibilizadas na internet: a busca de informação através de mecanismos de pesquisa. Se é certo que este veículo midiático possibilita-nos ainda participar de outras formas de comunicação e transmissão de informações, tais como conferências eletrônicas, troca de mensagens através de correio eletrônico, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados, etc., também é certa a necessidade de novas pesquisas que discutam estas novas formas de socialização das informações e de comunicação na construção dos universos simbólicos e nas práticas sociais, em especial na prática educativa; que considerem a internet como uma fonte inesgotável de veiculação e reconstrução destas representações e, portanto, como um importante campo de investigação. Acreditamos que a apreensão do universo simbólico que permeia a experiência do homem neste novo contexto

comunicacional seja, na atualidade, um dos maiores desafios não somente para a Teoria das Representações Sociais, mas sobretudo para a educação.

Considerando o papel que a internet tem exercido na popularização das teorias educacionais (conforme percebemos no exemplo da teoria construtivista), na socialização das informações, na troca de experiências e valores, remetemo-nos a afirmar que o estudo destas questões podem instigar novas discussões no cenário educacional, sejam no que se refere às teorias educacionais, às reformas educativas, às práticas escolares, aos processos de formação, etc.

## REFERÊNCIAS

COLÉGIO IMPERATRIZ DONA LEOPOLDINA. **Fundamentos**. Disponível em: <<http://www.agrariaeducacional.com.br/fundamentos.asp>>. Acesso em: 17 ago. 2004.

GALHARDO, Eduardo. **Introdução à pesquisa na Internet**. ergalhard@. FCL. Unesp. São Paulo. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/~egalhard/internet.htm>. Acesso em: 6 ago. 2004.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RAMAL, Andréa Cecília. Ler e escrever na cultura digital. **Revista Pátio**. Ano 4, n.14, ago/out, 2000.

SILVA, Cleânia de Sales. **Construtivismo** - de marco teórico-pedagógico a grife: um estudo a partir das mensagens veiculadas na Internet e práticas do professor. 2006. 249f.

Tese (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

TAIRA, Adriana. **Pré-escola adota o construtivismo.** Disponível em: <<http://www.online.stcecilia.br/2000/05>>. Acesso em: 16 ago.2004.

TELÉSFORO FILHO, João. **Cidadãos conscientes.** Disponível em: <<http://www.estudantes.com.br/quadro>>. Acesso em: 17 ago. 2004. Quadro de discussão: construtivismo na escola.

USANDO o laptop. **Uso do laptop e seu impacto na evolução do acesso na escola e em casa.** Disponível em: <<http://www.microsoft.com.br/educacional>>. Acesso em: 28 jul. 2004.

<sup>i</sup> Esta pesquisa resultou na Tese de Doutorado intitulada “Construtivismo: de marco teórico pedagógico a grife – um estudo a partir das mensagens veiculadas na Internet” e defendida em 2006 pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.